

Sementes de tangerina

Hayton Rocha (*)

Vinha de longe o hábito de cochilar depois do almoço na varanda do apartamento, deitado numa rede com uma camiseta sobre o rosto, a ouvir o barulho das ondas do mar e, ultimamente, de motores e buzinas na rua, apesar do apelo das autoridades sanitárias para que as pessoas ficassem em casa.

Havia uma explicação para o *pitstop* rotineiro no começo da tarde: todo dia acordava bem cedinho, por volta das cinco. Esperava o sol nascer a flunar na internet em *sites* de notícias, fazendo anotações ou a garimpar imagens nos álbuns digitais da família.

O único barulho que lhe deixava numa aflição inexplicável — coisa de outras encarnações, diriam os especialistas no assunto — era o “flap! flap!” do helicóptero da PM a sobrevoar os quarteirões do bairro, dando apoio às viaturas no asfalto que garantiam a tranquilidade dos donos de hotéis, bares e restaurantes da orla, fechados por conta do turbilhão virótico.

Naquele começo de tarde, sua mulher levaria pelo menos meia hora no banheiro entre shampoo e cremes. Ele poderia, portanto, após generoso prato de carne de sol com macaxeira e vinagrete, cair no sono até que a parceira de quarentena reaparecesse na varanda.

Vê o tal helicóptero fazendo voos rasantes, como se tentasse inibir um arrastão na praia, enquanto um pelotão de policiais corre para o local. Pergunta-se: o que leva o piloto a fazer manobras tão arriscadas, com tantos prédios na orla abrigando famílias confinadas nesses dias de ansiedade e tédio?

De repente, a hélice da aeronave choca-se com o apartamento dois andares acima do seu. Na mesma hora, exala um cheiro forte de combustível e surgem as primeiras labaredas em meio a tufos de fumaça escura.

A onda de calor lhe faz numa fração de segundo correr até a porta, mas o fogaréu, para seu desespero, já se alastra pelos corredores e desaconselha qualquer tentativa de fuga pela escada.

Atordoado com a gritaria e o alarme estridente do edifício, passa por sua cabeça num piscar de olhos as cenas que vira pela tevê dos atentados terroristas às torres gêmeas do *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, quando uma das aeronaves perfurou os prédios como pregos em barras de sabão.

Ainda cogita se trancar na suíte, ligar o chuveiro e deixar jorrar água na banheira até a chegada dos bombeiros, mas talvez não houvesse tempo. A única saída seria amarrar alguns lençóis e descer dois ou três andares, onde aguardaria o resgate.

Teria que ser rápido porque a estrutura do prédio, naquela temperatura, talvez não resistisse e desmoronasse. Ao começar a descida, no entanto, a corda de lençóis não suporta o seu peso e desata justamente onde fora amarrada no parapeito da varanda.

O horror do corpo em queda livre lhe fez acordar quase urinando de agonia e desespero. Pulou fora da rede e correu até o lavabo, onde esvaziou a bexiga e lavou o rosto, enquanto o coração voltava ao ritmo normal.

Diante do espelho, esboçou um sorriso sem graça, reflexivo: “E aí, meu velho, quase foi embora sem ver filhos e netos pela última vez? Sem ter dito o quanto ama cada um deles? Qual é a graça de partir sem ver a cara das pessoas que ficam? Quem iria chorar a sua ausência?”

Foi quando lhe veio à cabeça o que escreveu Sêneca (4 a.C — 65 d.C), escritor, dramaturgo e filósofo do Império Romano: “... Nisto todos erramos: ver a morte a nossa frente como um acontecimento futuro, enquanto grande parte dela já ficou para trás. Cada hora do nosso passado pertence à morte”. E ainda diria noutra ocasião: “Não é da morte que temos medo, mas de pensar nela.”

Mais relaxado e refeito do pesadelo, ele abriu a geladeira e em seguida retornou à varanda com duas tangerinas descascadas, que chupou sem pressa alguma, gomo a gomo, absorto

em pensamentos. Nisso, chega a mulher e vai logo apontando para o chão: “Ei, “véio”, o que é isso aí debaixo da rede?!”

Se ela soubesse que por pouco não perdeu para sempre a grande paixão de sua vida, não perguntaria pelas sementes de tangerina no chão. Quem sabe até sairiam juntos pela orla — de máscaras, claro! —, a jogarem pelo caminho, como diria Quintana, “a casca dourada e inútil das horas”.